becomes the mediator between knowledge and student. Therefore, the main objective of this article is to address how teachers can use active methodologies in Elementary School I according to BNCC. Based on the four pillars of education defended by Delors (1999), which are: learning to know, learning to do, learning to live together, learning to be. In addition to putting into practice learning to learn. The methodology used to carry out this article was research in books and websites about active learning both in the early years of education and higher education, and the BNCC was also used to exemplify classes and contents to be addressed. At the end of this article, it is concluded that active methodologies are important tools for Elementary School I teachers to practice in their classes, giving meaning to learning.

Keywords: Education, Teaching-learning, Active methodologies, Elementary School I, BNCC.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS: COMPREENDENDO AS EMOÇÕES AO OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS

TALITA CRISTINA CATELAN PRADO MOISES

RESUMO

Tendo em vista a relevância da tradição oral como arte que encanta e dá subsídios para entender o mundo, pesquisa-se sobre contação de histórias para crianças: compreendendo as emoções ao ouvir e contar histórias, a fim de verificar que tal prática auxilia no desenvolvimento emocional, psíquico, social e cognitivo da criança. Para tanto, foi necessário um breve levantamento histórico do surgimento da infância, características do perfil e dos métodos para contar histórias, como as narrativas ajudam a criança a lidar com seus conflitos e emoções e como o professor pode utilizar essa ferramenta em suas aulas. Foi utilizada uma pesquisa por meio de coleta de dados bibliográficos, de abordagem qualitativa. Diante disso, verifica-se que a concepção de infância trouxe avanços no olhar para a criança, como uma literatura voltada à ela, que a narrativa precisa, por parte do contador, de preparo, técnicas e pesquisas, que a literatura infantil representa a criança pois procura explicações mágicas e que ler e contar histórias são atividades que trazem diversos estímulos e aprendizagens, o que impõe a constatação de que o ato de contar histórias é fonte de prazer, traz proximidade, estreita laços afetivos, consolida memórias positivas e fortalece a mente.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de história; Arte de encantar; Suporte emocional.

INTRODUÇÃO

“Contar histórias é uma arte...e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido.” (ABRAMOVICH, 2006, p.18), e é partindo dessa fala de Abramovich que apresento a justificativa para este estudo que pretende discorrer a relevância da tradição oral de contar histórias, muito apreciada pelas crianças, que encanta, apaixona e tem a magia de transportar ouvinte e contador para um mundo de fantasias e imaginação, pois uma boa história nos faz refletir, sorrir e chorar, criando boas lembranças na mente e aquecendo o

coração. Tem o poder de conectar as pessoas, fortalecer as relações, estreitar os laços afetivos e ajudar a lidar com os conflitos internos. Além disso, ouvir e contar histórias auxilia no desenvolvimento da criança em todas as fases da sua vida, ajudando em seu aprendizado, linguagem oral e escrita, raciocínio e criatividade.

O interesse pela pesquisa originou diante do contexto de crise sanitária na qual estamos enfrentando desde o início do ano passado, que obrigou as pessoas a se protegerem em suas casas, procurando redobrar a atenção quanto à higienização das mãos e superfícies e procurando manter distanciamento social a fim de evitar contaminação e transmissão do vírus que está deixando muita gente doente e causando óbitos também. As crianças, em especial, se viram reclusas dentro de suas casas sem compreender ao certo o que estava acontecendo. De repente não podiam ir para escolas, parques, festas e nem na casa dos avós (que fazem parte do grupo de risco da doença). Precisavam ficar em casa! O mundo todo parou e se voltou para acompanhar como a vida venceria a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), denominado SARS--CoV-2. Incertezas, lutos e medos rodearam a todos. Noticiários e adultos com o mesmo assunto. Preocupações, ansiedades, desempregos, mudanças de rotinas, pais e mães trabalhando de casa e crianças trabalhando com seus pais. De repente a escola passou a ser online, os professores apareciam, ou não, em telas de smartphones, tablets ou notebooks. As tarefas precisavam ser feitas com auxílio da família, que passou a conviver mais tempo no mesmo ambiente. Passeios passaram a ser virtuais, visitas via chamada de vídeo. Como administrar tudo isso? Como ajudar a criança a entender, assimilar, superar e até se distrair diante de todo esse caos e de mudanças tão bruscas de vida? Foi um dilema também para professores que passaram a planejar e propor suas aulas de maneira remota. Frente a tudo isso, vi na contação de histórias uma esperança de trazer alento a esses coraçõezinhos e também uma estratégia de ajudá--los a compreender suas emoções. Busquei fontes e cursos que me dessem subsídios teóricos para entender como a arte de contar histórias poderia fazer esse papel de mediadora de conflitos internos da criança.

Busquei apresentar aos meus alunos de 4 e 5 anos de idade, mesmo a distância, histórias que pudessem divertir e confortar, recorrendo a contadores experientes que disponibilizam suas artes em redes sociais e em canais alocados em plataforma gratuita de compartilhamento de vídeos para contar essas histórias, como: Fafá conta, Rúbia Mesquita, Marina Bastos e Quintal da Cultura.

Acredito que essas histórias, fábulas e clássicos ajudaram, de alguma maneira, as crianças que tiveram a oportunidade de ouvi-las e, com toda a certeza, contribuíram para que a minha prática docente fosse enriquecida com esse universo mágico, encantador e tão antigo da tradição oral que é a contação de histórias.

Diante do exposto, este trabalho de pesquisa teve como tema: “Contação de histórias para crianças: compreendendo as emoções ao ouvir e contar histórias”. E com essas reflexões, surgiu a pergunta central deste trabalho interrogando, “Como a contação de histórias contribui para que a criança compreenda suas emoções?”

Logo, como desdobramento da questão central, o presente estudo busca res-

postas para as seguintes indagações: Como surgiu e se estabeleceu a arte de contar histórias? Há uma forma ideal de contar histórias? Seria essa prática capaz de ajudar a criança a lidar com seus conflitos, inquietações e emoções? Como o professor pode utilizar essa ferramenta em sua prática pedagógica?

Para fundamentar o tema escolhido, busquei referências em Fanny Abramovich, Bruno Bettelheim, Ilan Brenman, entre outros que tratam sobre a literatura em questão.

A pesquisa foi realizada por meio de coleta de dados bibliográficos, de abordagem qualitativa, em literatura escrita em língua portuguesa, buscando ideias e opiniões de autores de referência e dedicados ao estudo.

1. O SURGIMENTO DA INFÂNCIA E A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL: BREVES CONSIDERAÇÕES

A história da infância sofreu muitas idas e vindas no decorrer dos vários séculos. Os primeiros registros que se tem sobre uma visão de criança e educação, ainda que embrionária, se remete à Grécia antiga. “A educação era uma preocupação real dos antigos gregos e a infância existia como um período de preparação e formação do cidadão”. (BRENMAN, 2018, p.122). Foi no auge do pensamento filosófico grego que surgiram espaços dedicados à educação (a Academia e o Liceu, nos séculos IV e V a.C.). Brenman (2018, p.123) ainda destaca que “os gregos não inventaram a infância, mas lhe deram uma contribuição inestimável para seu reconhecimento mais de dois mil anos depois”.

Em Roma podemos destacar dois acontecimentos que contribuiram para uma ideia de infância: o início de uma ligação entre criança em desenvolvimento e uma noção de vergonha (fundamental na diferenciação de criança e adulto) e a promulgação de uma lei que proibia o infanticídio (por volta de 374 da era cristã). Porém, como apresenta Brenman em um dos seus capítulos,

Infelizmente, a visão greco-romana da infância não evoluiu com o passar dos séculos; ao contrário, sofreu retrocessos gigantescos motivados por novas contingências históricas: surgimento do cristianismo e sua fenomenal expansão, picos de explosão demográfica, fundações de novas cidades, eclosões de pestes, alto índice de mortalidade, etc.(BRENMAN, 2018, p.124)

Houve então o desaparecimento dos ideais de infância. A capacidade de ler e escrever, que eram estimuladas e valorizadas na cultura greco-romana, desapareceu, sendo excluídas da vida medieval. Sendo assim, o conhecimento, a aprendizagem, as leis e o entretenimento eram transmitidos e apreendidos oralmente para crianças e adultos da mesma forma, sem distinção.

A criança medieval era considerada mão de obra não-especializada e sua vida tinha pouca importância para os adultos. Já que havia grande índice de natalidade e mortalidade desses infantes, era preciso ter muitos filhos para garantir o trabalho familiar. Ou seja, não havia espaço para grandes afetos, uma vez que o importante era aumentar a quantidade de trabalhadores. (BRENMAN, 2018, p.126).

As roupas usadas pelas crianças e pelos adultos eram as mesmas e não havia distinção entre a sexualidade adulta e infantil. As crianças eram reconhecidas como pe-

quenos adultos, compartilhavam dos mesmos cuidados, tarefas e atividades dos mais velhos, inclusive a mesma cultura literária.

Apenas com a ascensão da burguesia, a reestruturação familiar e, principalmente com a criação da prensa tipográfica, a criança começou a ser vista como indivíduo diferente do adulto. O marco histórico do início dessa noção foi o surgimento da imprensa, que trouxe à tona uma nova concepção de adulto: aquele que é capaz de ler. Com isso, depois de algumas décadas, as crianças passaram a receber atenção diferenciada, precisando ser separada do adulto para iniciarem uma jornada rumo à maturidade, e a principal ferramenta para adentrar ao mundo dos adultos era a aquisição da habilidade de ler e escrever.

A infância se transformou numa categoria social e intelectual, com isso as fases de desenvolvimento da criança começaram a ser notadas, estudadas e valorizadas. Nesse movimento da sociedade européia em direção à criança, o vestuário infantil começou a se diferenciar do dos adultos e muitos livros de pediatria começaram a ser publicados. (BRENMAN, 2018, p.131).

Obras literárias, destinadas exclusivamente para crianças, começaram a ser produzidas, impressas e vendidas. No final do século XVII, na França, surgem Os contos da Mãe Gansa, escritos por Charles Perrault (1628-1703), sendo considerado por muitos estudiosos o precursor da literatura infantil (BRENMAN, 2018).

Esses avanços sociais em relação à infância trouxeram benefícios para as crianças. Muitos pensadores voltaram seus olhares para a infância e trouxeram estudos, teses e pensamentos que levaram a compreensão da importância e dos cuidados físicos, intelectuais e emocionais que essa fase da vida exige. Pensadores como Erasmo de Rotterdam (que criou padrões de conduta) e John Locke (que trouxe a ideia da responsabilidade do adulto de “preencher a folha em branco que era a mente da criança”), fizeram com que o tema educação se tornasse prioridade de várias nações. Além de Locke, Rosseau também aparece no século XVIII contribuindo com o olhar para as virtudes infantis como pureza, espontaneidade, alegria e vitalidade, que precisavam ser estimuladas e preservadas. No final do século XIX, Sigmund Freud traz uma teoria do desenvolvimento infantil. O pai da psicanálise, como ficou conhecido, apresenta na infância o período determinante na formação do indivíduo e de sua personalidade adulta. Também em 1899, o educador John Dewey revolucionou afirmando que a criança é sujeito, e não objeto, do seu desenvolvimento. (BRENMAN, 2018).

No início do século XX, o biólogo Jean Piaget contribuiu com suas pesquisas sobre o desenvolvimento humano, estágios do conhecimento e maturação e construção da moralidade. Na mesma época, Lev Vygotsky foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças acontece a partir das interações sociais e condições de vida.

Nesse período, foram criadas muitas leis que as diferenciavam dos adultos e as preservavam da dureza da vida. Elas (as crianças) não poderiam mais trabalhar, deveriam frequentar escolas, vestir-se de acordo com sua faixa etária, possuir brinquedos, livros, jogos, mobiliários, enfim, ter um ambiente social exclusivo. (BRENMAN, 2018, p.141)

A construção do conceito de infância não termina por aí, é um processo contínuo, com constantes contribuições e novos moldes, se estende até os dias atuais com novos paradigmas, teorias e pesquisas. Atualmente muito tem se falado sobre “a infância na era da informação”, no entanto pesquisas vêm sendo realizadas para apontar possíveis mudanças no comportamento infantil, em todos os aspectos: social, intelectual, emocional, físico e psíquico. Pouco se sabe ainda sobre a influência dos meios de comunicação atuais na formação da criança e muitos estudos ainda serão realizados em torno desse tema ao longo dos próximos anos.

1.2 HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL E A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

A literatura surge com a tradição oral, no folclore com suas lendas, mitos e narrativas, com o intuito de dar explicações à vida e ao mundo, sua origem e criação. Foi a maneira que a humanidade encontrou para expressar experiências e transmitir ensinamentos.

No século XIX, com a valorização social da criança, essas narrativas passaram a ser contadas para as crianças com intuito formativo. A princípio com fins moralizadores, lidos e ouvidos por adultos e crianças que buscavam neles a moralização de toda a sociedade.

Surgem assim as primeiras fábulas, com animais representando virtudes e defeitos humanos. A mais antiga coletânea vem do Oriente, depois vem as fábulas de Esopo, um escravo grego, cujo textos atravessaram séculos e permanecem na cultura até hoje, com raposas, corvos, bois, cães, lobos e cordeiros fazendo papel de humano e com finalidade moral explícita. (COSTA, 2009).

As mudanças sociais ao longo da história também causaram mudanças nas configurações da literatura infantil. Nas sociedades primitivas as crianças eram criadas para aprender apenas o que os pais passavam para elas, cada qual de acordo com seu gênero: as meninas aprendiam comportamentos e tarefas com suas mães, e o menino as atividades com seu pai.

Já no período medieval, as crianças nobres liam autores consagrados pela tradição, enquanto as crianças das classes mais pobres liam ou ouviam histórias da cavalaria com aventuras e as narrativas de heróis espertos e malandros. Nessa época a literatura popular tem grande importância, reunindo lendas e contos folclóricos. (COSTA, 2009).

Os primeiros livros considerados Literatura Infantil datam da Idade Média e do Renascimento nos séculos XV a XVII, são os catecismos criados pelos jesuítas para pregar o cristianismo para as crianças. As novelas de cavalaria narrando as aventuras de cavaleiros medievais em luta pela afirmação da fé religiosa cristã e em torneios e batalhas em defesa do amor, da religião e do rei, também eram muito conhecidas e populares. Essas narrativas atravessaram o Oceano Atlântico e encontraram espaços nas narrativas populares de cordel do Nordeste brasileiro. (COSTA, 2009).

Na França surge a renovação do gênero de Fábulas com a utilização de versos, dando um novo impulso a esse tipo de texto literário. Diante disso, no século XVII, surge a obra de Charles Perrault, resgatando histórias da tradição oral e enaltecendo a forma mágica que tanto encanta as crianças, pois essa é a forma que elas têm de encarar as

situações da vida. Depois, em 1704 é revelado o livro “As mil e uma Noites", de origem árabe, mostrando a importância da criatividade, do conhecimento e da liberdade na vida das pessoas. (COSTA, 2009).

Os famosos Contos de Grimm, que foram reunidos pelos pesquisadores e folcloristas alemães Grimm, surgem entre 1812 e 1815, demonstrando a influência da mitologia nórdica. E finalmente em 1835 e 1872, o dinarmaques Andersen apresentou animais e objetos como seres dotados de comunicação e sentimentos, além de histórias com fadas e duendes.

O Brasil sofreu fortes influências da visão burguesa, de raízes europeias rurais, e isso se deu a partir das traduções dos contos de fadas europeus até o século atual, porém, o folclore brasileiro introduzido por Monteiro Lobato trouxe uma literatura infantil brasileira, com cenários e temas nacionais, trazendo diversos significados para o povo brasileiro.

A literatura infantil no Brasil surgiu muito tempo depois do início da europeia, predominando assim, por muitos anos, a literatura oral. As correntes culturais negras trazidas para o Brasil, durante a escravidão, fizeram florescer os narradores e contadores de história, o que contribuiu também para a nossa formação cultural, que teve influências européias, africanas e indígenas.

Com a transição do sistema monárquico para o republicano, o país sentiu a necessidade de passar a imagem de país moderno em ascensão, não apenas nos quesitos político e econômico, mas no educacional também. No entanto, com a ausência de escritores nativos para o público infantil, começam as traduções de textos europeus para o português, como é o caso dos clássicos de Grimn, Perrault e Andersen. Somente no século XX com as obras de Monteiro Lobato (“A menina do Narizinho Arrebitado” e Sítio do Pica Pau Amarelo) esse cenário se modificou positivamente com uma renovação da Literatura infantil no Brasil. A partir de Lobato, outros autores passaram a escrever literaturas infantis e atualmente temos um leque de livros infantis de qualidade, como as produções de Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Eva Furnari, Sylvia Orthof, Ary Quintella, Lygia Bojunga, Bartolomeu Campos Queiroz, Rachel de Queiroz, Maurício de Souza, entre outros.

Hoje as funções da Literatura infantil no Brasil perpassam para além da educação formal, pois para os autores e escritores informar e educar passaram a ter um enfoque secundário. O entretenimento, o experimentalismo na linguagem narrativa, o lúdico e a aventura do conhecimento humano passam a ter atenção especial em suas obras (COSTA, 2009).

Nesse sentido, a história contada ou lida tem como propósito desenvolver a sensibilidade, o gosto artístico, além de desenvolver na criança seu senso de criticidade, pensando, questionando e ampliando sua maneira de ver, entender e se compreender no mundo.

2. TRADIÇÃO ORAL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A tradição oral foi responsável pela criação de formas artísticas e representativas dos povos. Através das narrativas orais passadas por gerações, a humanidade foi se construindo, preservando suas culturas e transmitindo conhecimentos. É uma arte que antecede o desenvolvimento da escrita

e contribuiu para que a literatura ganhasse vida, formatos e tipos textuais no decorrer dos anos.

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através dos que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar (KAERCHER, 2001, p. 83).

Dessa forma, o folclore apresentou diferentes gêneros de narrativas, entre elas fábulas, mitos e lendas, vistas como primordiais e sendo incorporadas no repertório da Literatura Infantil. Essas narrativas primordiais apresentam três mundos distintos: o mundo real no qual são atribuídos sentimentos e falas aos animais (Fábula); o mundo das metamorfoses onde convivem seres fantásticos e seres naturais (Conto de Fadas) e o mundo religioso-cristão, que traz em suas narrativas um fundo espiritual, alertando para os pecados, vícios e virtudes das pessoas (Parábolas). (COSTA, 2009).

As fábulas surgiram no Oriente e foram as primeiras a aparecer, sendo trazidas para o Ocidente através do grego Esopo (séc. I a.C.). Apresentavam lições morais à sociedade, sendo destinadas inicialmente aos adultos e, ao longo do tempo é que se tornaram uma forma de cartilha de bons princípios e reflexões quanto a valores para as crianças, trazendo os animais como instrutores desses ensinamentos. No Brasil, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes foram grandes fabulistas, representando esse gênero em suas obras.

Os mitos surgiram com o próprio homem e apresentam explicações para fenômenos naturais, aos deuses e à criação do homem e do mundo, com personagens submetidos ao sobrenatural, sem fundo moral.

As lendas, de forma geral, apresentam personagens fixos, combinam fatos reais e históricos com fatos irreais. Surgiam a partir da imaginação e de relatos das experiências dos povos, que queriam explicar o que haviam vivido de maneira sobrenatural, uma espécie de adaptação aos mitos. Finalmente, podemos então dizer que Fábulas, Mitos e Lendas narram reflexões e interpretações sobre a vida e o mundo (COSTA, 2009).

Quando falamos em Literatura Infantil logo nos vem à memória os tão famosos Contos. Eles nasceram dos mitos e representam simbolicamente os acontecimentos humanos e sociais. Costa (2009) citando Nelly Novaes Coelho, em seu livro Literatura Infantil: teoria, análise, didática, divide esse tipo de narrativa em:

1. Contos de Encantamento: apresentam fatos extraordinários que necessitam de ajuda sobrenatural, como varinha de condão, amuletos e metamorfoses fantásticas;

2. Contos Maravilhosos: vem do povo árabe e os personagens sempre se aventuram em busca de riquezas, satisfação do corpo ou a conquista de poder; e por último, os Contos de Fadas: vem do povo celta e representam em suas tramas questões de natureza espiritual, ética e existencial, dispondo sempre do auxílio de uma fada para resolver os problemas. (COSTA, 2009).

Os contos de fadas foram adaptados pelos irmãos Grimm, tornando a fantasia acessível para as crianças, que apresentam muita facilidade em entrar nesse mundo mágico, pois sua visão da realidade é mágica. Elas se sentem atraídas pelas histórias dos contos de fadas pois essas narrativas se aproximam do imaginário fantástico e natural da personalidade infantil.

Vimos que contar histórias é uma atividade primordial, uma necessidade da existência, de contar nossas experiências e sentimentos , o que vimos, ouvimos e vivemos. Uma maneira de suportar e entender a vida, seus mistérios e nossas emoções.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.(ABRAMOVICH, 2006, p. 17)

A arte de contar histórias atravessa gerações e nos convida, através da imaginação, a refletir sobre a própria vida e seus dilemas, ajudando a transformar comportamentos e a curar feridas causadas pelas experiências da vida e pelos relacionamentos sociais.

Além disso, por conter um caráter lúdico, a literatura oral atrai a atenção da criança, instigando a imaginação, avivando sonhos, ampliando as possibilidades de ver e compreender o mundo, bem como seu autoconhecimento, e construindo sua identidade e personalidade de forma espontânea. Ao ouvir ou ler uma história, ela estará também recebendo conhecimentos que utilizará em momentos que precisar fazer escolhas em sua vida.

3. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: CRIANDO VÍNCULOS, INSTIGANDO A IMAGINAÇÃO E ENCONTRANDO CONFORTO NOS DESAFIOS DA VIDA

Além da função de instruir e de resgatar a cultura, como vimos nos capítulos

anteriores, contar histórias também proporciona aos leitores momentos em que o imaginário individualizado ganha espaço e significado, assim como o natural prazer e divertimento que uma boa história pode trazer, com suas narrativas de suspense, aventuras, indagações e soluções para os problemas.

Coelho, citado por Mittmann, vai ao encontro dessa questão afirmando que as narrativas são importantes fontes de prazer e contribuem para o desenvolvimento da criança, pois “ao contar histórias às crianças aprendem a lidar com situações reais ou fantasias, permitindo assim, a criação de novos fatos, talvez o que elas gostariam que fosse à sua realidade. (Mittmann 2010 apud Coelho 2000, p.13).

Ou seja, contar histórias é uma atividade que promove a aproximação do real com as fantasias, que são fundamentais no desenvolvimento da criança, pois o simbolismo da fantasia é fundamental como auxiliar no processo de formações psíquicas mais complexas nessa fase da infância.

Diante dessa descoberta, estudos acerca dos contos de fadas e suas influências no desenvolvimento psíquico da criança foram realizados, visto que essa narrativa desperta o gosto e a atenção da grande

maioria das crianças, devido ao seu caráter fascinante e encantador, se perpetuando por gerações.

Bruno Bettelheim, psicólogo especializado em psicanálise, na qualidade de educador e terapeuta infantil, foi pioneiro no estudo desse gênero literário, numa perspectiva da psicanálise, defendendo a importância dos contos de fadas no desenvolvimento emocional das crianças e afirma que os contos de fadas são importantes para o conhecimento do ser humano, principalmente os problemas interiores que todos passam e as possíveis soluções para as dificuldades do dia a dia.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2002, p. 06).

Logo, as interações que a criança faz com as histórias revelam suas emoções mais íntimas, levando sentimentos confusos ou incompreendidos a serem canalizados de forma positiva com a ajuda da imaginação e da fantasia, trazendo respostas às suas inquietações e auxiliando-a a resolver seus conflitos internos.

Além de despertar prazer, os contos de fadas transportam a criança a um mundo mágico onde tudo é possível, um lugar de refúgio mental que lhe resguarda das dificuldades reais do dia-a-dia. Dessa forma, sentimentos inconscientes são aflorados auxiliando na construção da personalidade do indivíduo, visto que esses contos fantásticos agregam valores universais, tais como: verdade, justiça, liberdade, companheirismo e amizade, assim como os temas universais, ciúme, traição, perda, crueldade, esperança e amor.(FARIA et al., 2017, p.44)

Assim como afirma Abramovich (2006, p.16) ouvir muitas histórias é importante para a formação de qualquer criança, e escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ter um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo, através dos olhos dos autores e das vivências dos personagens. Quando a criança se identifica com algum personagem, numa situação semelhante a alguma já vivida, ela passa a ter forças e esperança para resolver seus problemas também.

Esse processo é muito importante para o autoconhecimento, a empatia e para a socialização, pois à medida que a criança se desenvolve, ela passa a se entender melhor, tornando-se capaz de entender os outros e se relacionando melhor com as pessoas e com o mundo.

Outro autor que defende a relação de contar, ler e ouvir boas histórias com o desenvolvimento e equilíbrio emocional das crianças é o psicólogo, educador e escritor de livros infantis Ilan Brenman. Ele afirma que a história é um espelho da própria natureza humana e esse espelho literário traz uma sensação de ordenamento para a criança, pois na história ela é capaz de entender o que se passa dentro dela, suas emoções, sentimentos e inquietações.

Para Brenman a leitura e a contação de histórias são ferramentas importantes para o estreitamento de laços afetivos pois aproximam as pessoas e criam memórias positivas da relação e do momento em que essa atividade está acontecendo. Além

disso, ao contar ou ler uma história para a criança, estamos respeitando e compreendendo que ela possui um mundo complexo dentro de si, dando-lhe “imunidade simbólica”, ajudando-a a lidar com seus medos, angústias, tristezas e conflitos. Estamos contribuindo para que ela fortaleça sua mente, lhe dando condições de superação.

Acredito na importância das histórias que toquem em assuntos que reflitam os sentimentos das crianças, tais como amor, ódio, medo, tristeza, solidão, e que, embora rejeitadas por muitos, comunicam-se inexoravelmente com o mundo interior infantil. A história pode ser considerada um talismã contra o desespero…” (BRENMAN, 2018, p.211).

Ainda citando Brenman (2018, p.205) e concordando com os demais autores até aqui trazidos, “quando a criança encontra um espelhamento com sua vida interior, existe compreensão e uma parcela de alívio daquilo que é sentido”. É na história e no drama do personagem que a criança encontra consolo e perspectiva de superação e vitória.

E não termina por aí, ouvir e ler histórias possibilita um leque de oportunidades, sejam elas emocionais, cognitivas, afetivas e sociais. Permite o contato direto ou indiretamente com os livros, com o aprendizado da leitura e da escrita. Amplia olhares para a compreensão do mundo e das relações humanas ao longo dos tempos, permitindo a descoberta de sua identidade e de seu papel no mundo. Ajudam a criança a desenvolver sentimentos como compaixão e empatia, pois ela é capaz de sentir a dor do outro através do lúdico “era uma vez”.

A proximidade com os livros ajuda a expandir o vocabulário, instiga a imaginação, a criatividade e o poder de compreensão e argumentação, abrindo espaço para novas aprendizagens.

4. PERFIL E MÉTODOS PARA CONTAR HISTÓRIAS

Contar histórias e encantar não são tarefas simples, exige disposição para oferecer o melhor: preparo, técnica, habilidade, conhecimento, pesquisa e gosto pela arte de contar e encantar. Antes de iniciar a narrativa, é necessário conhecer a história, ter interesse e ler com antecedência para se apropriar de todo o enredo. No momento da contação é importante que o contador esteja totalmente entregue, entusiasmado, presente e envolvido na história, tornando natural a sua performance e sendo capaz de atrair a atenção dos ouvintes. Gostar de ler, atualizar-se, conhecer as obras de literatura infantil existentes e trocar ideias com colegas são ações que colaboram para a preparação do contador de histórias.

Segundo Torres e Tettamanzy (2008, p.05), para que a condução da narrativa aconteça da melhor forma, é necessário que exista identificação entre conto e contador, pois “cada contador coloca nas histórias um pouco de sua personalidade, priorizando passagens que, de alguma forma, dialogam com seu íntimo”. Além disso, as autoras também afirmam que, cada vez que uma história é contada, mesmo que aparentemente seja a mesma, o contador o fará de uma forma diferente, e isso se dá porque o ambiente, as pessoas e até mesmo o estado de espírito influenciarão no ato de contar a história (TORRES; TETTAMANZY 2008).

E para a platéia a história também traz impactos e percepções distintas, ou seja, a história é a mesma, mas cada pes-

soa a experimentará de uma maneira diferente, de acordo com sua bagagem cultural e afetiva. O interessante é que, até para a mesma pessoa, a interpretação e o significado de um conto poderá não ser igual. Cada vez que ouvimos uma história, mesmo que seja a mesma desde a infância, a sua narrativa pode apresentar conteúdos, percepções e entendimentos diferentes de acordo com o momento em que estamos vivendo, com nossas experiências de vida. No entanto, as memórias que temos de cada aprendizagem, de cada novo pensamento e suas combinações que vão construindo nossa identidade, modos de pensar, sentir, se relacionar e ver a vida, ficam guardadas e são revisitadas a cada vez que temos a oportunidade de ouvir ou contar essa mesma história.

Por isso que os autores pesquisados e apresentados aqui neste trabalho concordam que, se a história escolhida para ser contada for prazerosa para o contador é bem provável que ela cativará os ouvintes através da paixão e entusiasmo depositados no ato de ler ou de contar essa história.

Além do envolvimento pessoal com a história, os recursos de voz, áudio e objetos podem auxiliar na criação de um ambiente de encantamento. As possibilidades da voz (entonação, sussurro, imitação de ruídos e os sons dos animais, as inflexões indicando um suspense ou alegria) enriquece a interpretação e atrai a atenção do leitor-ouvinte colocando-o dentro da história, envolvendo-o. Recursos de áudio com objetos e materiais sonoros também contribuem para despertar a imaginação através do ouvir, chamando a atenção da criança para a diversidade sonora e expressiva e as possibilidades de exploração dos sons.

Adereços também são recursos lúdicos interessantes: fantasias, acessórios, fantoches, dedoches, imagens, fotografias, instrumentos musicais, entre outros, precisam ser conhecidos e treinados pela pessoa que vai utilizá-los durante a contação de histórias a fim de evitar embaraços. Contudo, a preocupação com a qualidade da história e com a ação de contá-la deve ser maior do que a quantidade de coisas que se pretende usar, pois uma história bem contada jamais é esquecida.

É um momento mágico que envolve a todos que estão presentes no momento da história, estabelecendo um clima de cumplicidade e afetividade. Esse envolvimento na história é tão interessante que pode incentivar a aproximação da criança com os livros. Ilan Brenman, em sua tese de mestrado, afirma que a leitura em voz alta aproxima os não leitores com os livros porque, num primeiro momento, o não leitor vai buscar no livro aquele momento significativo que teve, os tempos prazerosos de escuta que viveu. É como se a criança buscasse resgatar, recuperar as lembranças, emoções e o prazer que teve de quando ouviu a história.

4.1 LER OU CONTAR HISTÓRIAS?

Ao ler uma história, o leitor empresta sua voz ao texto, utilizando recursos vocais como entonação de voz, altura e timbre, mas não recria o texto, as palavras utilizadas são as que estão escritas e não há improvisação. Além disso, a leitura traz marcas específicas da língua escrita com palavras que, muitas vezes, não são utilizadas na fala.

Já ao contar uma história, podemos

usar nossas próprias palavras, recriar o conto, à medida que recebe os estímulos dos ouvintes, aproximando-o da realidade e necessidades do grupo. É mais próxima da oralidade, da língua informal e popular, sendo mais flexível e próxima ao contexto que está inserido. A arte do contador envolve expressão corporal, improvisação, interpretação e interação com os ouvintes.

No entanto, tanto ler quanto contar histórias são atividades importantes e que trazem estímulos e aprendizados que, embora diferentes, são igualmente importantes, pois a leitura aproxima a criança do universo letrado, trazendo curiosidade pelos livros e seus conteúdos, e colabora para a escrita. A contação de histórias diverte a criança, amplia seu repertório imaginário e permite que ela descubra que as histórias podem ser recriadas, aprendendo, dessa forma, a se expressar através das diferentes linguagens e também como contar suas próprias histórias. Ler e contar traz o hábito de compartilhar histórias e conhecimentos, capacidade de escutar os outros, respeitar diferentes opiniões e pontos de vista, bem como ideias e sentimentos, contribuindo também e, consequentemente, para o exercício e formação de sua própria maneira de se expressar.

Numa abordagem mais escolar, o reconto das histórias pelas crianças também é uma proposta interessante, bem como a utilização de adereços, fantoches e manuseio dos livros, pois tudo isso faz com que a criança se interesse pelo mundo letrado, aproximando-a da escrita. Permite também que ela mergulhe no universo da imaginação, brincando, encenando, imaginando e ressignificando suas questões pessoais e do cotidiano, ampliando sua visão de mundo, seu olhar para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar história é criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, despertando os sentidos, tocando o coração, acolhendo, resgatando memórias, dando suporte ao entendimento das inquietações individuais e a leitura de mundo de cada um. Diante dessa justificativa, foi possível desenvolver o trabalho norteando-o a partir do tema: “Contação de histórias para crianças: compreendendo as emoções ao ouvir e contar histórias”.

Diante dos dados coletados foi possível constatar que a arte de ler e contar histórias auxilia fortemente no desenvolvimento emocional, psíquico, social e cognitivo da criança.

Além disso, foi possível ampliar o conhecimento sobre o surgimento dessa arte que brota da necessidade natural do homem de compreender a origem do mundo e a existência da vida. A partir daí, foi traçado um breve levantamento histórico do surgimento da infância e como essa concepção trouxe avanços no olhar para a criança, bem como a construção da literatura voltada ao público infantil no mundo e no Brasil.

Um aspecto importante para nortear a prática de contar histórias foi a pesquisa do perfil e dos métodos para a contação, pois para ser prazerosa e cativar os ouvintes se faz necessário, por parte do contador, todo um envolvimento pessoal com preparo, técnicas, pesquisas, interesse por buscas e conhecimentos, além do uso de alguns recursos que podem auxiliar na criação de um ambiente de encantamento, como entonações de voz, áudios e objetos.

Outro tópico relevante para destaque está no entendimento de que contar histórias ajuda a criança a lidar com seus

conflitos, inquietações e emoções, uma vez que a literatura infantil representa a criança e a tem como representante pois procura sempre explicações que, mesmo sendo lógicas, ainda são mágicas. É através do faz de conta, na identificação com o personagem, numa situação semelhante a alguma já vivida, que a criança buscará compreensão de seus problemas interiores, obtendo uma parcela de alívio, forças e esperança para resolver seus problemas, encontrando consolo e perspectiva de superação e vitória.

Diante do exposto, o professor pode utilizar essa ferramenta em sua prática pedagógica com infinitas abordagens, temas, propostas e objetivos, uma vez que ler e contar histórias são atividades que trazem estímulos e possibilidades diversas de aprendizagens, tanto nos aspectos cognitivos da leitura e escrita, como na capacidade social de empatia, respeito às diferentes opiniões e pontos de vista, além de auxiliar na formação de sua própria maneira de se expressar, em seu autoconhecimento e identidade, ampliando sua visão de mundo.

A pesquisa partiu da hipótese de que contar histórias pudesse acolher, trazer alento e ajudar as crianças a compreenderem, não só o momento atual de crise sanitária que estamos enfrentando, mas os problemas e dilemas que também permeiam o mundo infantil, e verificou-se que as interações com as diversas narrativas, fábulas e contos podem levar a criança a canalizar, de forma positiva, sentimentos confusos e incompreendidos, levando a possíveis soluções para as dificuldades do dia a dia e conforto para problemas que não são possíveis de resolver.

Logo, a pergunta central deste trabalho interrogando, “Como a contação de histórias contribui para que a criança compreenda suas emoções?” foi respondida através do levantamento teórico de autores voltados para a problemática. Verificou- se que o ato de contar histórias é fonte de prazer, que traz proximidade entre as pessoas, estreita laços afetivos e consolida memórias positivas, qualidades importantes que elevam a autoestima, confiança e segurança de qualquer criança. Para mais, os autores aqui apresentados afirmam que as histórias dão suporte e fortalecem a mente, levando ao desenvolvimento emocional da criança, pois aproximam o real com as fantasias, sendo o simbolismo da fantasia auxiliar no processo de formações psíquicas mais complexas na infância.

Com esse trabalho busca-se despertar interesse e curiosidade para pesquisas no âmbito dessa problemática, e motivação para pais e educadores de colocarem, com mais frequência em suas rotinas, a prática de ler e contar histórias para as crianças.

A pesquisa foi realizada por meio de coleta de dados bibliográficos, de abordagem qualitativa e literatura escrita em língua portuguesa, no entanto, acredito que uma pesquisa com levantamento de dados através de entrevistas e estudos de caso levariam a uma constatação mais efetiva, levando em consideração diferentes faixas etárias dentro da própria infância, as diferentes culturas, etnias e costumes presentes no imenso território do nosso país.

STORYTELLING FOR CHILDREN:

UNDERSTANDING EMOTIONS BY LISTENING AND TELLING STORIES

ABSTRACT

Bearing in mind the relevance of oral tradition as an art that enchants and gives subsidies to understand the world, research on storytelling for children: researching emotions when listening and telling stories, in order to verify that such practice helps in emotional development , psychic, social and cognitive of the child. For that, it was necessary a brief historical survey of the emergence of childhood, characteristics of the profile and the methods of storytelling, how narratives help the child to deal with his conflicts and emotions and how the teacher can use this tool in his classes. A research was used through the collection of bibliographic data, with a qualitative approach. Therefore, it appears that the conception of childhood brought advances in looking at the child, as a literature focused on him, that the narrator needs, on the part of the accountant, of preparation, techniques and research, that the children's literature represents the child because it seeks magical explanations and that reading and telling stories are activities that bring different stimuli and learning, which imposes the realization that the act of telling stories is a source of pleasure, brings closeness, closes affective bonds, consolidates positive memories and strengthens the mind .

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices 5ª ed. São Paulo:Scipione, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro, 2002.

BRENMAN, Ilan. A condenação de Emília: O politicamente correto na literatura infantil. 1. ed. - Belo Horizonte: Aletria, 2012.

COSTA, Marta Morais da. Literatura Infantil. 2. ed. — Curitiba : IESDE Brasil S.A. , 2009. 236 p.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. E Por Falar em Literatura. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FARIA, Inglide Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. A influência da contação de histórias na Educação Infantil. Mediação, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.- dez. 2017.ISSN 1980-556X (versão impressa) / ISSN 2447-6978 (versão on-line) Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368/4470. Acesso em: 16 jan. 2021.

MITTMANN, Edinei Rodrigues. A Contação de Histórias na Educação Infantil. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)- Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras,2010. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72006/000880912.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 set. 2020.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; TORRES, Shirlei Milene. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Sessão aberta.PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04, N. 01 – jan./jun. 2008. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448>. Acesso em: 23 dez. 2020.